

Solo de Cecilia Ripoll questiona o futuro da palavra

PÁGINA 4



Desconstruindo relações abusivas pelo caminho

PÁGINA 5



Em turnê nos EUA, Oruã grava faixa em estação de rádio

PÁGINA 7



2º CADERNO

Eternamente Jabor

Em parceria com a Cinemateca Brasileira, Festival do Rio projeta 'A Opinião Pública', pilar da obra do campeão de bilheteria que virou comentarista pop na TV e best-seller nas livrarias

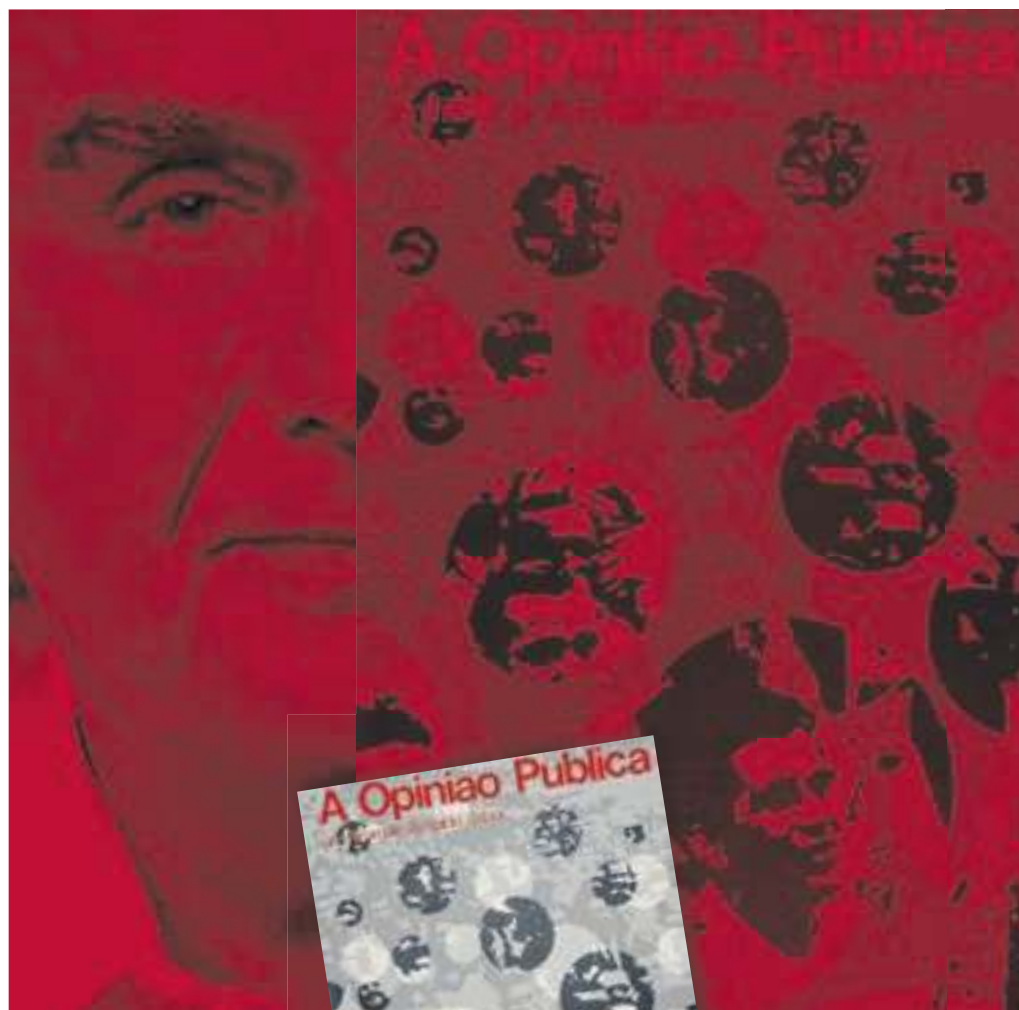


Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ganhador do Grande Prêmio do Festival de Pesaro, na Itália, em 1967, "A Opinião Pública" serviu como um cartão de visitas - tanto para o sucesso, quanto para a agitação cultural - na trajetória de Arnaldo Jabor (1940-2022) rumo à consolidação de uma trajetória autoral que se pavimentou a partir da demolição das vigas moralistas da sociedade brasileira. Vai ter um par de projeções desse marco da não ficção latino-americana no Festival do Rio 2024, que abre suas alas nesta quinta-feira (3). Tem exibição no sábado (5), às 19h15, no Estação NET Rio 2, e no dia 16, às 14h30, no Estação NET Rio 5.

É um reencontro com um exercício de ferina provocação, que faz parte da seção de clássicos restaurados da mostra A Cinemateca É Brasileira,



Montagem sobre fotos de divulgação Festival do Rio

'A Opinião Pública' é um painel das vicissitudes da classe média

brasileira dos anos 1960 sob a ótica singular de Arnaldo Jabor

da qual fazem parte ainda: "Greve" (1979), de João Batista de Andrade; "Eles Não Usam Black-Tie" (1981), de Leon Hirszman; e "O Que é Isso Companheiro" (1997), de Bruno Barreto, em homenagem aos 60 anos da produtora LC Barreto.

O caso de Jabor, contudo, é um capítulo à parte, a começar do fato de o centro nervoso da maratona carioca, o Circuito Estação, ter feito sua arrancada, lá na década de 1980, graças à boa acolhida popular a "Eu Sei Que Vou Te Amar", que levou Jabor à competição pela Palma de Ouro de Cannes. Fora isso, ele abriu o Festival de 2010 com "A Suprema Felicidade".

Em "A Opinião Pública", que iniciou sua carreira em 1966, vemos um painel das vicissitudes da classe média. A redescoberta desse cult é uma forma de o Festival do Rio matar as suas (e as nossas) saudades de Jabor. Um dos maiores campeões de bilheteria do cinema brasileiro entre os anos 1970 e 80, com filmes que lotavam salas exibidoras apesar de fugirem das fórmulas comerciais do audiovisual deste continente, naquela época de farda, com ditaduras por todo o lado, o diretor carioca morreu no dia 15 de fevereiro de 2022, em decorrência de complicações de um AVC. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Fernanda Montenegro em 'O Auto da Compadecida'

Telecine celebra Fernanda Montenegro festivais de Rio e SP

Outubro é o mês de dois eventos importantes do cinema brasileiro: o Festival do Rio e a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Os dois terão especiais no Telecine Cult, que exibe filmes que já passaram pelos eventos em edições anteriores. O Especial Festival do Rio vai ao ar nos dias 3 e 8 de outubro e exibe filmes como "Mons-

ter", "Vidas Passadas" e "Bacurau". E a programação em homenagem à Mostra será exibida nos dias 17 e 30. Fernanda Montenegro completa 95 anos no dia 16 e o canal exibe filmes em celebração à sua vida e carreira como "Eles Não Usam Black-Tie", "O Auto da Compadecida", "Central do Brasil" e "Piedade".

TUM Festival

Estão abertas as inscrições para os showcases da sétima edição do TUM Festival, que acontecerá entre 2 e 9 de novembro de 2024, em Florianópolis. Artistas e bandas de todo o país podem se inscrever até o dia 10 para concorrer a uma das nove vagas.

Novo papel

Atriz e cantora, Clarissa Chaves está no elenco da montagem do musical 'Gabriela', produzido pelo Ceftem RJ, no papel da personagem Jerusa, já representada por Nívea Maria e Luiza Valdetero, com estreia em 22 de novembro, no Teatro Dulcina.

Exposição

O Centro Cultural dos Correios Niterói receberá a exposição "Desabem Limites, Apareçam Distâncias Esquecidas", que será inaugurada no sábado (5) com obras de Alberto Saraiva, Enéas Valle, Lúcia Teixeira, Marilou Winograd, entre outros.

Sustentável

O Instituto Bienal Amazônia e a Saphira & Ventura apresentam o evento "Diálogos para o Planeta - Cultura e Consciência", uma pré-bienal da 1ª Edição Internacional Bienal Amazônia de Arte, Design, Arquitetura, Tecnologia e Sustentabilidade.



Cena de 'A Opinião Pública', de Arnaldo Jabor

Um cronista das hipocrisias brasileiras



Arnaldo Jabor partiu com a fama de ser uma espécie de cronista das hipocrisias brasileiras. Um cronista que usava a câmera para filmar ensaios sarcásticos sobre hecatombes morais e transformava suas incursões na TV em performances meio clown, meio escolástica, transformando o "Jornal da Globo" numa Ágora para seu saber. Saber que ele embebia em tinta em suas crônicas para grandes jornais, depois condensadas em livros.

Em nossas livrarias, ele foi um mega-seller, tornando-se presente de Natal para leitores que ganhavam seu "Amor É Prosa, Sexo É Poesia" de regalo. Lá fora, teve, como cineasta, o reconhecimento que muitos realizadores sonham

alcançar. O Urso de Prata que recebeu no Festival de Berlim de 1973 por "Toda Nudez Será Castigada" foi um atestado internacional de sua perspicácia para falar sobre a ruína de valores da "família tradicional brasileira".

Família essa que ele voltaria a criticar no longa que é considerado sua obra-prima, "Tudo Bem", ensaio etnográfico sobre a derrota de nossa ética, laureada com o troféu Candango de Melhor Filme, do Festival de Brasília de 1978. Naquela abrasiva dramédia à moda Ettore Scola (digna de "Feios, Sujos e Malvados"), o canto do uirapuru, um pássaro estudado como símbolo de brasilidade, era o ponto de partida para um debate feroz sobre a perda da identidade nacional, travado a partir do apodrecimento de um clã aristocrático (ou quase), em meio a uma obra que não termina.

Com "A Opinião Pública", Jabor conectou-se com o projeto estético e político do Cinema Novo, um movimento que, de

1962 a 1969, uniu uma geração de jovens realizadores (como Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Paulo César Saraceni, Cacá Diegues e Leon Hirszman) em torno do sonho de reinventar a representação do país e revolucionar politicamente nossa arte, revisando nossa História. Aquele espírito revisionista de revolução se fez presente em seu primeiro longa, "Pindorama", que rendeu a Jabor uma indicação à Palma de Ouro em 1971. Ele voltaria a concorrer em Cannes com o já citado "Eu Sei Que Vou Te Amar", que rendeu o troféu de melhor atriz para Fernanda Torres, em arrebatadora interpretação.

Há um projeto dele que foi rodado, mas segue inédito nas telas, chamado "Meu Último Desejo". O longa conta a história do Doutor (Michel Melamed), um ex-político influente, ministro, hoje solitário e preso a uma cadeira de rodas, que vive cercado por um passado misterioso, cheio de sombras. Quem cuida dele é Lu (Bella Piero), uma enfermeira com o sonho de ser atriz. José (João Miguel) é outro cuidador, recém-contratado. Atormentado, Doutor planeja delatar crimes de corrupção e seus antigos parceiros políticos passam a planejar seu assassinato.

Quem sabe com a volta de "A Opinião Pública" às telonas, alguém não se anima a lançar esse Jabor que ninguém viu.

Turquia em 'autofricção'

Na fronteira entre a realidade bruta e a fabulação poética, 'A Perda de Faruk' reinventa o legado do cinema turco no Festival do Rio



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Celebrizado por cults como “Verão Seco”, de Metin Erksan, “Um Doce Olhar”, de Semih Kaplanoglu, e por toda a obra de Nuri Bilge Ceylan (“Sono de Inverno”), o cinema turco promete ecoar nas telas do Festival do Rio 2024, que começa na quinta, pelas vias de uma ficção com tintas documentais (também definido como um documentário com fabulações) chamado “A Perda de Faruk”.

A direção é da cineasta Asli Ozge, hoje radicada em solo alemão, mas egressa de uma Turquia em fase de gentrificação em sua estrutura arquitetônica citadina. Na raia da autoficção, esse painel de conflitos geracionais, estruturado pela cineasta em Istambul, foi um dos maiores destaques da mostra Panorama da Berlinale, em fevereiro.

Sua trama parte de um exercício de observação, com ares fabulares, do dia a dia de



'Faruk' é um retrato afetivo de um pai por sua filha, sob a direção de Asli Ozge

seu pai, um nonagenário que esbanja carisma. Mas suas atitudes por vezes conservadoras refletem incongruências culturais não só dele, mas de toda uma nação.

“No início do projeto, pensei em fazer um documentário, mas, além da distância imposta por eu viver na Alemanha, havia o problema de que eu não poderia controlar os diálogos do meu pai. Percebi ali que o cinema que me interessava não era o do controle da vida, mas, pelo contrário, o do entendimen-

to, construído pelas vias da ficção”, disse Asli Özge ao Correio da Manhã, ao falar de sequências nas quais acompanha as digressões bem-humoradas de Faruk, sua figura paterna amorosa, ainda que rígida, em certas ocasiões. “Na idade em que está, depois de chegar aos 90, ele tem todo o tempo do mundo. Ele passa a entender o passo das horas sob uma nova experimentação. É esse tempo, da liberdade, que me interessa”.

Ainda no Panorama de Berlim, a Turquia

esbanjou viço audiovisual com “Caminhos Cruzados” (“Crossing”), de Lavan Akin, que abre um debate transfobia a partir da conexão ideológica o entre uma professora aposentada e uma advogada. Uma jovem trans une nas duas neste drama de montagem febril, que hoje pode ser visto na grade da MUBI.

As sessões de “A Perda de Faruk” no Rio acontecem no domingo, dia 6, às 17h, no Estação NET Rio 2, e no dia 9, às 16h, no Cinesystem Botafogo.

Hazanavicius anima o Redentor

Indicado à Palma de Ouro de Cannes e ao troféu Cristal de Annecy, “A Mais Preciosa das Cargas” (“La Plus Précieuse Des Marchandises”) confirmou sua presença no Festival do Rio, com sessão na segunda-feira (7), às 18h45, no Estação NET Rio 4. Sua trama é baseada no best-seller homônimo de Jean-Claude Grumberg. A direção é do francês Michel Hazanavicius, diretor do oscarizado “O Artista” (2011).

Em seu roteiro, um casal de lenhadores observa, diariamente, trens atulhados de gente passarem diante de seus olhos. Ingênua, a mulher sempre espera por um aceno ou mesmo um presente. “Para onde vão essas pessoas?”, ela se pergunta. Até que alguém joga o presente que ela jamais pensou receber: um



'La Plus Précieuse des Marchandises' leva a prosa de Jean-Claude Grumberg à animação

bebê. O marido, num primeiro momento, pensa em devolver a criança, mas, pouco a pouco, encanta-se pela menina e deixa seu

instinto paterno aflorar. A narração foi feita por um mito das telas Jean-Louis Trintignant (1930-2022), pouco antes de sua morte.

“O produtor chegou a esse projeto antes de mim, antes que eu lesse o livro, e eu jamais havia pensado em fazer algo ligado à Shoah antes, pelas minhas origens familiares judaicas. Tinha uma questão de legitimidade histórica, até pelo fato de eu ter nascido em 1967, bem depois da Guerra. Mas a possibilidade de abordar o tema sob uma ótica fabular e a força do texto de Grumberg me interessaram. Existe uma pergunta que aquele livro evoca ao falar do Holocausto: ‘Se Deus existe, onde ele estava quando aquilo tudo aconteceu?’. Eu só não queria ser explícito na representação da violência dos nazistas. Preferia que a imaginação da plateia desse conta disso”, disse Hazanavicius em Cannes. (R.F.)



Cecilia Ripoll volta aos palcos no solo 'Fantasiosa Exposição da Palavra'

Reflexões sobre o futuro da palavra

Com direção de Juliana França e Cecilia Ripoll, espetáculo aborda a nossa relação com as palavras num mundo que hoje é amplamente dominado por imagens

rio. “Existe, por exemplo, uma passagem que eu imaginava quando tinha uns 9 ou 10 anos. Uma cena em que as letras transitam de forma caótica pela atmosfera, gerando formas e sons inusitados. Então, como é um universo que vem se criando em mim há tanto tempo, achei que seria importante eu mesma dar som e forma com meu corpo

para essa dramaturgia”, elabora Cecilia.

“Além disso, existe a ideia de uma certa interação com o público, que é convidado (mas nunca intimado!) a interferir na cena, aqui e ali, de forma pontual. Essa proposta de interação faz com que eu sinta necessidade de editar a dramaturgia ao vivo, e promove sutis alterações no dia, a depender

Em um mundo dominado pela imagem nos meios de comunicação, estariam as palavras perdendo sua força vital? Ou será que, ao contrário, estariam ficando ainda mais fortes, pois cada vez mais raras? No espetáculo “Fantasiosa Exposição da Palavra”, a atriz e dramaturga Cecilia Ripoll propõe uma reflexão sobre o impacto gerado pela invasão dos símbolos no campo das palavras.

Com direção de Juliana França e Cecilia Ripoll, o solo, criação do Grupo Gestopatas, está em cartaz no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Humaitá. Cecilia também vai ministra oficina de dramaturgia no espaço até o dia 14.

“Gifs, emojis, figurinhas e todos os tipos de símbolos são atualmente parte ativa de nosso vocabulário e de nossa comunicação. E qual impacto que isso tem sobre as palavras?”, questiona a atriz e dramaturga. “Se pudéssemos perguntar às letras, às sílabas e às frases como é que elas estão se sentindo, suponho que as respostas seriam plurais, e é essa pluralidade de perspectivas e de sentimentos que constitui o texto da peça. Algumas palavras são saudosistas, outras amantes das transformações. No entanto, de uma forma ou de outra, todas estão sofrendo com algo que identificam como ‘a financeirização da língua’, fenômeno decorrente do uso dos símbolos estar tanto na base da comunicação humana quanto nas transações financeiras virtuais”, acrescenta.

Na peça, a palavra é vista por ângulos, perspectivas e temporalidades diversas, criando metáforas sobre história, sociedade e relações afetivas. A estrutura se inspira livremente em “O Banquete”, de Platão, em que os personagens expõem suas visões sobre o amor em pequenos discursos – já na peça, os discursos, as homenagens e as indagações giram em torno da palavra. “Fantasiosa Exposição da Palavra” reúne desde histórias fictícias sobre a vida das letras antes de terem vínculo empregatício com as sílabas até reflexões mais atuais, que focam na veloz circulação da palavra no mundo virtual ou sobre o que muda para uma palavra quando ela vem acompanhada de uma hashtag. “Uma das premissas básicas do teatro é a imaginação. Por isso, apostamos nas letras e nas palavras como instrumentos provocadores da imaginação. São elas que traçam e tentam dar conta de contar, entender e resolver o seu grande problema: a relação com a humanidade” explica a diretora Juliana França.

Depois de anos sem atuar regularmente, Cecilia resolveu voltar à cena neste trabalho autoral e íntimo, já que as questões tratadas permeiam há muito tempo o seu imaginá-

“Gifs, emojis, figurinhas e símbolos são hoje parte ativa de nosso vocabulário e comunicação. E qual impacto que isso tem sobre as palavras?”

Cecilia Ripoll

das intervenções externas, por isso digo que há uma dramaturgia viva em movimento” completa Cecilia, indicada ao Prêmio Shell RJ nos anos de 2023 pela dramaturgia de “Pança” (sua direção) e de 2018 pela dramaturgia de “Rose” (direção Vinicius Arneiro).

SERVIÇO

FANTASIOSA EXPOSIÇÃO DA PALAVRA

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, ao lado do nº 29 – Humaitá)
Até 20/10, às sextas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Hamsa Wood/Divulgação



Numa tentativa de reaver sua mulher, Uli (Manoel Miranda) inicia uma jornada de autoconhecimento

Nas distorções do arquétipo masculino

‘Caminho 22’, com texto de Jaqueline Roversi e direção de Leona Cavalli, mostra a jornada de autoconhecimento de um homem machista e abusivo em suas relações

Com texto da atriz e dramaturga Jaqueline Roversi e direção de Leona Cavalli, “Caminho 22” é o segundo espetáculo da Cia Pandora, que se formou a partir dos estudos do arquétipo feminino nas mitolo-

gias de diversas culturas, e suas distorções ao longo dos séculos. Pesquisa essa que deu origem ao primeiro espetáculo, “Pandora”, dirigido por Leona.

Na sequência desta pesquisa, a companhia agora mergulha na investigação do arquétipo masculino

e suas distorções. O tema será abordado através da figura do psiquiatra Uli, um homem moralmente abusivo no consultório e em casa.

A dramaturgia do espetáculo é livremente inspirada na Jornada dos 22 Arcanos Maiores do Tarô, cartas/símbolos que, em

sequência, formam a “Jornada do Louco”, metáfora para a jornada humana ao longo da vida.

A peça lança um olhar sobre as estruturas dominantes que amparam o machismo, quase sempre cultivadas no seio familiar, reafirmadas e transmitidas durante a

formação do indivíduo.

“Quis escrever sobre essa jornada e mostrar o processo de transformação de um homem cujos valores precisam urgentemente ser revistos. Há nele machismo, homofobia, entre outros desdobramentos que aparecem, mesmo que de forma sutil, em pequenas atitudes do dia-a-dia. Seu comportamento inconveniente sempre foi tolerado por todos, que normalizam o absurdo. Apenas duas dessas pessoas se rebelam. Sua paciente e sua esposa. Os temas são abordados através do comportamento e processo desse homem que se vê obrigado a mudar a partir do momento que vai expandindo sua consciência e começa, mesmo que por mero acaso, sua iniciação”, conta Jaqueline.

A peça se passa em torno de Uli (Manoel Madeira), um psiquiatra machista e abusivo. Ele é abandonado simultaneamente por sua mulher Pen (Jaqueline Roversi), grávida, e por Dai (Jordana Korich), sua paciente mais antiga - ambas assediadas moralmente através de manipulações e abusos psicológicos.

A ex-paciente abre um espaço terapêutico denominado Caminho 22, e a ex-esposa recorre ao local em busca de alento para suas angústias. Na tentativa de resgatar a esposa, Uli, contrariado, se vê obrigado a entrar no Caminho, onde acaba revisitando memórias perdidas da infância, e enxergando a chance de mudar a própria história.

Entre palcos cariocas e paulistanos, a peça realizou seis temporadas, ganhando uma indicação ao Prêmio Shell de teatro na categoria Iluminação, para Aurelio de Simoni.

Além do espetáculo, estão previstas três oficinas gratuitas, ministradas pela equipe, paralelamente à temporada: mitologia, produção e dramaturgia.

SERVIÇO

CAMINHO 22

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)

De 4 a 12/10, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia) e R\$ 15 (ingressos sociais)

Coordenadas Bar, em Botafogo, estreia projeto que reúne nomes expressivos da cena carioca

Por Affonso Nunes

A partir desta semana o Corredenas Bar, em Botafogo, promove um evento de celebração a um dos mais emblemáticos gêneros da música estadunidense, o blues. O projeto Goose Blues Session reunirá bandas consagradas e iniciantes neste estilo que influenciou o rock, o jazz e a soul music de forma definitiva.

Quem abre a agenda nesta quinta (3) é o trio Lavicas, que apresentará o show “Blues Revue”, fruto de extensa pesquisa em torno da linguagem, do repertório e dos equipamentos, o espetáculo é impecável em sua montagem, da escolha de canções seminais do gênero aos instrumentos que datam da década de 1950. Tudo para trazer elegância e timbres clássicos à experiência.

O grupo é formado por Marco Lacerda, Stephan Vidal e Raphael Castrol, traz como resultado de seus estudos um repertório que fala diretamente da origem do blues das décadas de 1940, 1950 e 1960, por meio de nomes como Muddy Waters, Little Walter, Howlin Wolf, Willie Dixon e outros.

A programação continua nas semanas seguintes com shows de Bruggers (10/10), Alamo Leal (17/10), Eddie Pimentel (24/10), Sérgio Rocha (25/10), Beale Street (31/10) e Blues Etilicos (7 e 8/11).

Formada por Murilo Brigger e os veteranos Otávio Rocha, Beto Werther e Ugo Perrotta, a Bruggers mistura estilos de blues com um toque de rock anos 80 e 90 e pitadas de soul e funk. Com suas primeiras



Sergio Rocha



Lavica Trio



Alamo Leal

É tempo de blues!



Blues Etilicos



Beale Street

músicas já lançadas em fevereiro e março deste ano e o primeiro EP lançado em julho, o grupo apresenta um repertório característico, pronto para cativar o público.

Alamo Leal é um veterano da cena bluseira carioca. No palco ele tem a companhia de uma entrosada banda formada por Lucky Dice, Edu Coimbra (bateria) e Raphael Castro (baixo) e Al Pratt (orgão e piano). No repertório, clássicos do rythm'n' blues, soul, blues e baladas enérgicas. O saxofonista Beto Saroldi fará participação especial.

Com composições originais, tributos a ídolos, uma intro instrumental, interlúdio de Hammond B3 e Rhodes, “outro” com camadas de guitarras e uma faixa demo surpresa, Eddie Pimentel estreia seu primeiro álbum, “One Way Home”, produzido por Tim CARMON. Com dez faixas autôreas e vários bônus musicais, o artista faz seu debut no blues e na soul music internacionais.

Sérgio Rocha é um dos guitarristas mais destacados do cenário do blues atual. Dono de técnica apuradíssima, é um dos muitos

discípulos deixados pelo lendário Celso Blues Boy. Fez parte da banda Baseado em Blues junto com o gaitista Jeferson Gonçalves. Após excursões com o grupo, e também com Celso, formou o power trio Blues Power. Agora em carreira solo, no show “Blues Still Alive”, passeia por inesquecíveis clássicos do gênero, interpretando canções de grandes compositores, como Buddy Guy, B. B. King, Albert King, Eric Clapton, Jim Myreed, Roy Buchanan, Jeff Healey, Stevie Ray Vaughan, Kenny Waynes Herpherd e Joe Bonamassa.

O Beale Street nasceu como um power trio de blues/rock em 1999, tendo participado de todos os festivais do gênero no país. Também se apresentou na Argentina e está completando 25 anos de carreira. O nome da banda é uma homenagem à boêmia rua da cidade de Memphis, no Tennessee, Estados Unidos), onde o blue deixou de ser acústico para se tornar elétrico. Formado por Ivan Mariz (guitarra e voz), Cesar Lago (baixo e voz) e Beto Werther (bateria e voz) e recentemente tornou-se um quarteto com a chegada do renomado gaitista Rodrigo Eberienos.

Já o Blues Etilicos etilicos dispensa comentários. É a marca mais forte do blues nacional e a banda há mais tempo em atividade no segmento. Desde meados dos anos 1980, o grupo produziu uma extensa obra autoral, além de gravar homenagens às suas principais influências, tendo lançado 13 CDs e um DVD. A guitarra slide de Otávio Rocha e a gaita de Flávio Guimarães remetem diretamente ao blues, seja pontuando ou através de solos eletrizantes. O baixo de Cesar Lago e a bateria de Beto Werther garante um groove sólido e suingado.

Oruã grava clipe em rádio dos EUA

Banda da cena alternativa carioca segue em turnê no exterior

Durante turnê no exterior, o conjunto Oruã lançou um vídeo ao vivo na rádio americana KEXP com o repertório de seu novo álbum, “Passe”. O álbum



A banda Oruã gravou o vídeo na rádio americana antes de um período de residência artística na Califórnia

é uma viagem sonora psicodélica e intensa que passa por tensões raciais, sociais e injustiças. Gravado ao redor do mundo desde 2022, o álbum está disponível em todas as plataformas via Transfusão Noise Records.

A live session é lançada junto do anúncio que a banda fará uma residência artística na Califórnia em outubro, circulando por cinco cidades.

Formado por Lê Almeida (vocal/gui-

tarra), Phill Fernandes (bateria), João Casaes (sintetizadores) e Bigú Medine (baixo), o grupo combina elementos de post-punk, krautrock, guitarra brasileira e noise. Formado na cena independente carioca, realizou algumas turnês internacionais onde foi descoberto por Doug Martsch, líder da banda americana Built to Spill, o que fez com que Lê e Casaes colaborassem ativamente do último álbum “When the Wind Forgets Your Name”. Os brasileiros gravaram e mixaram no disco.

A discografia da Oruã se iniciou ainda em 2017, com o álbum de estreia “Sem Bênção / Sem Crença”, seguido por “Romã” (2019) e “Íngreme” (2021). Durante sua jornada, o grupo acompanhou de perto tanto a ascensão do extremismo político no Brasil quanto uma crescente consciência racial no país. Essas experiências moldaram sua música e os levaram a explorar novos territórios sonoros, levando Oruã a conquistar o mercado estrangeiro e fãs com sua mistura de influências brasileiras e rock experimental.

Com mais de 120 shows fora do país nos últimos três anos, a Oruã está em turnê pelos Estados Unidos e atualmente fazendo uma residência artística na Califórnia.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Relendo seus clássicos

Letrista gravado por Nina Simone, Elton John e Paul Weller, Gilbert O’Sullivan revisita sua obra de um modo novo, respeitando o legado e apresentando para novos públicos. O cantor e compositor irlandês regravou grandes sucessos no álbum Songbook de modo intimista, e a primeira amostra é o single da clássica “Alone Again (Naturally)”, gravada por Shirley Bassey, Neil Diamond e Diana Krall, entre outros. A faixa original dominou as paradas dos EUA por seis semanas durante os anos 1970 e rendeu três indicações ao Grammy.

Divulgação



Divulgação

Em evolução artística

Alternativo, bossa nova e indie folk se encontram no som de Iramano, artista carioca que mostra novas facetas em seu sexto EP, “blissfully yours”. O projeto é uma viagem sonora a sons familiares, reunidos como lembranças e imagens poéticas. “Este EP explora o tema da saudade e do desejo de preservar momentos efêmeros de felicidade. As três músicas falam sobre a mesma coisa, porém de perspectivas diferentes e escritas em momentos distintas”, conta Iramano, alter-ego do cantor e compositor Ramon Pozzi, que faz uma evolução artística do EP “Memória”, de 2022.



Divulgação

Canções inclusivas

Cantor e compositor com quase duas décadas de atuação na cena musical do Ceará, Berg Menezes coloca a questão da acessibilidade, principalmente para pessoas com deficiência surdas na música, em foco na sua arte. O músico e sua banda realizam shows com tradução e interpretação em Libras, para proporcionar a experiência da música para todos. Uma das faixas criadas assim foi “Fagulha”, que ganhou vídeo ao vivo gravado no Festival MI, no Ceará. O artista tem como integrante da sua banda a intérprete de Libras Vanessa de Assis, que atua como segunda vocalista.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ